

# Quem diria que o ano seria tão difícil?

Cristiane de Paula Turco \*, Maurício Palma Nogueira \*\* e Alcides de Moura Torres Jr. \*\*\*

**A**o final de 2004, o setor leiteiro trabalhava com boas expectativas para 2005. A recuperação dos preços a partir de 2003, o recuo de apenas 6,2% em 2004 e o primeiro superávit na balança comercial de lácteos geraram otimismo e esperança de mercado firme.

Porém, não foi isso o que aconteceu. O ano terminou e, considerando valores atualizados pelo IGP-DI, o preço médio anual do leite pago ao produtor caiu aos níveis do "terrível" ano de 2001, o pior em toda a história. Veja o gráfico ao lado.

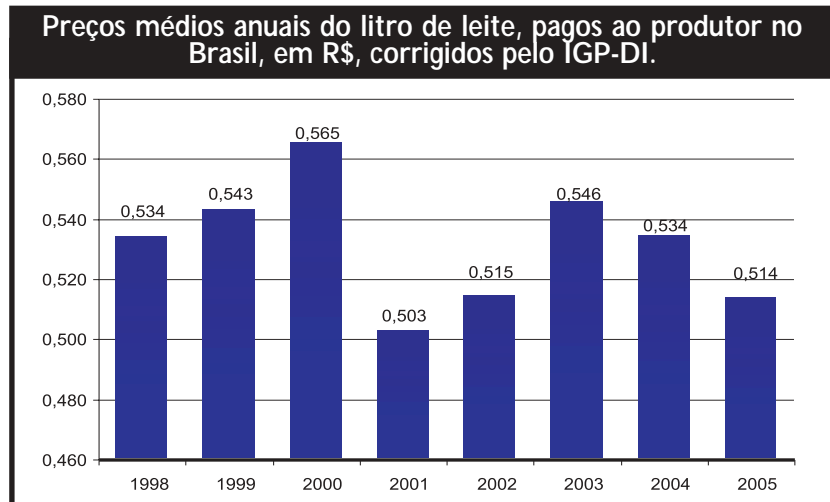
Observe que 2005 deverá fechar como o segundo pior ano para a pecuária de leite, em termos de preços.

Para facilitar o entendimento do mercado, vamos dividir o ano em duas fases: fase de alta e fase de baixa.

## JANEIRO A MAIO

Nos primeiros cinco meses do ano, o mercado trabalhou em alta. O aumento no preço do leite ao produtor foi de 8,5%, em reais (R\$) nominais. A oferta ajustada à demanda sustentou as valorizações. Mas é preciso considerar que o aumento no consumo pós-férias não aconteceu como era esperado.

Em algumas regiões, como no Sul do País, ocorreram fortes estiagens e a falta



de matéria-prima fez com que os compradores no Rio Grande do Sul pagassem o maior preço do leite durante os cinco primeiros meses do ano.

Veja na tabela ao lado as variações nos preços do leite pago ao produtor por Estado, de janeiro a maio, e o preço médio do período.

Em alguns Estados, a variação de preços foi negativa. Um país continental como o Brasil possibilita comportamentos de mercado diferentes, de acordo com a região. No Nordeste, de janeiro a maio, por exemplo, houve recuo de

preços em todas as praças acompanhadas pela Scot Consultoria. Mas com o aumento médio de 8,52% nas cotações durante os primeiros cinco meses do ano, por que o mercado termina tão

## Variações do preço do leite pago ao produtor por Estado, produções de janeiro a maio de 2005, e o preço médio do período, em R\$ nominais/l

Região	Variação em %	Média em R\$/l
Minas Gerais	7,36%	0,554
Goiás	13,25%	0,561
Rio Grande do Sul	9,54%	0,598
Paraná	4,25%	0,549
São Paulo	9,97%	0,564
Santa Catarina	10,58%	0,519
Bahia	4,37%	0,529
Rondônia	-0,48%	0,542
Pará	2,73%	0,445
Rio de Janeiro	8,05%	0,546
Mato Grosso do Sul	16,59%	0,507
Mato Grosso	2,75%	0,509
Espírito Santo	9,30%	0,551
Pernambuco	-2,72%	0,478
Ceará	-5,36%	0,554
Alagoas	-8,16%	0,545
Brasil	8,52%	0,555

Fonte: Scot Consultoria

ruim em 2005? É o que será discutido agora.

## A PARTIR DE JUNHO

Em plena entressafra, o produtor se viu frente ao primeiro sinal de que o ano não seria tão bom assim. Em média, houve uma queda de 4,4% no preço do leite. No mês seguinte, julho, o recuo foi de 6,7%. Em agosto, 6,33%, e assim foi, até que no pagamento de dezembro, a queda já somava quase 25,8%! Recapitulando: mal o produtor enchia os olhos com um aumento de 8,5% nos preços do litro de leite em quatro meses, veio o desmoronamento. Queda de 25,8%!

Quando o momento é favorável, a tendência é de que o produtor responda rápido, por meio do aumento da produção. Por um período pequeno, ocorre o tão desejado aumento na receita. Porém, com o passar do tempo, a oferta aumenta, provocando queda de preços. Principalmente se o consumo não acompanhar o aumento da produção.

No Brasil, o consumo per capita de leite é baixo, cerca de 130 litros por ano. Bem menor do que o recomendado pela Organização Mundial da Saúde, de 175 litros/ano. E há alguns anos, não ocorrem mudanças significativas nesse sentido.

É claro que não se pode deixar também de apontar a política cambial. Quando o Real se valoriza demais, as exportações se tornam inviáveis. Se a produção aumenta e o consumo permanece baixo, a alternativa para escoar o excesso é exportar. Mas até agosto/setembro, o Brasil mostrava números desanimadores na balan-

ça comercial de lácteos. Tanto que várias entidades do setor, que, no início do ano, apostavam em superávit, começaram a ficar 'com o pé atrás'.

Se o leite não vai para fora do País, os estoques (não estratégicos) aumentam. E foi o que aconteceu. As empresas, os compradores, alegando queda nas vendas e formação de estoques, repassaram o prejuízo para o produtor. E pôe prejuízo nisso!! Em 2005, o produtor de leite trabalhou 'no vermelho'.

Veja agora na tabela ao lado as variações nos preços do leite pago ao produtor na fase de baixa e a média dos valores de junho a novembro.

Quando os preços do leite reagem muito, é preciso estar preparado, pois normalmente a queda vem na mesma proporção. E em 2005, foi bem pior. De janeiro a outubro, o saldo foi de 19,51% negativos, considerando valores nominais.

No Mato Grosso do Sul, com a ocorrência de febre aftosa, a situação ficou ainda mais complicada, como pode ser observado na Tabela 2. A impossibilidade de escoar o leite para outros Estados deixou esta região com sobre-oferta, e os preços literalmente despencaram. E o Rio Grande do Sul, que mantinha o mais alto preço do leite do País, apresentou uma retração de mais de 30% em sua cotação.

## EXPECTATIVAS

Apesar da recuperação no saldo da balança comercial, ou seja, mais uma vez parece que o Brasil vai

**Variações do preço do leite pago ao produtor por Estado, produções de junho a novembro de 2005, e o preço médio do período, em R\$ nominais/l**

Região	Variação em %	Média em R\$/l
Minas Gerais	-23,38%	0,492
Goiás	-30,09%	0,478
Rio Grande do Sul	-30,65%	0,483
Paraná	-26,47%	0,449
São Paulo	-23,27%	0,503
Santa Catarina	-23,05%	0,452
Bahia	-10,75%	0,502
Rondônia	-18,45%	0,461
Pará	-10,95%	0,430
Rio de Janeiro	-28,37%	0,476
Mato Grosso do Sul	-39,81%	0,444
Mato Grosso	-21,58%	0,442
Espírito Santo	-29,50%	0,454
Pernambuco	2,10%	0,485
Ceará	-2,52%	0,536
Alagoas	-0,39%	0,519
Brasil	-25,83%	0,480

Fonte: Scot Consultoria

mais exportar do que importar lácteos, as indústrias alegam não terem espaço para melhorar o preço do leite ao produtor, pelo menos, nos próximos dois meses. As férias estão chegando e provocam, normalmente, uma depressão nos preços. Nesse período, dezembro/janeiro, o consumo de leite diminui. A preferência é pelos refrigerantes e cervejas; um problema de cultura.

O mercado está bastante especulado, e por mais motivos que se tenha para justificar a queda dos preços do campo, o fato é que nenhum produto no atacado apresentou um recuo igual ou superior ao preço pago aos produtores.

O varejo é mais organizado, consegue 'escapar do vermelho'. A indústria, por mais difícil que seja o momento, tem como "dividir" o prejuízo com o produtor. Mas e o produtor? A quem ele recorre em situações como esta? ■

\* Cristiane de Paula Turco - médica veterinária

\*\* Maurício Palma Nogueira - engenheiro agrônomo

\*\*\* Alcides de Moura Torres Jr. - engenheiro agrônomo

Scot Consultoria

Fone: (17) 3343 5111

www.scotconsultoria.com.br